

PAULO ROBERTO DE DEUS JUNIOR

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS COOPERATIVOS PARA A
DIMINUIÇÃO DA PRÁTICA DO BULLYING NAS AULAS EDUCAÇÃO
FÍSICA**

PAULO ROBERTO DE DEUS JUNIOR

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS COOPERATIVOS PARA A
DIMINUIÇÃO DA PRÁTICA DO BULLYING NAS AULAS EDUCAÇÃO
FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciatura em
Educação Física pela Faculdade de
Ciências da Educação e Saúde Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Arthur José Medeiros de
Almeida

Brasília
2016

PAULO ROBERTO DE DEUS JUNIOR

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS COOPERATIVOS PARA A
DIMINUIÇÃO DA PRÁTICA DO BULLYING NAS AULAS EDUCAÇÃO
FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Licenciatura em
Educação Física pela Faculdade de
Ciências da Educação e Saúde Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília, 15 de junho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

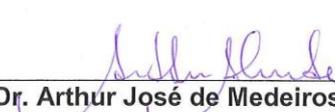
Orientador: Prof. Dr. Arthur José de Medeiros Almeida

Examinador: Prof. Msc. Rômulo de Abreu Custódio

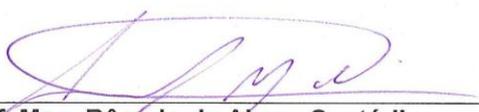
Examinador: Prof. Msc Alessandro de Oliveira Silva

ATA DE APROVAÇÃO

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do **Curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**, o (a) acadêmico (a) Paulo Roberto de Deus Junior foi aprovado (a) junto à disciplina da licenciatura **Trabalho de Conclusão de curso – Apresentação**, com o trabalho intitulado A importância dos jogos cooperativos para a diminuição da prática do Bullying nas aulas de Educação Física.



Prof. Dr. Arthur José de Medeiros Almeida
Presidente



Prof. Msc. Rômulo de Abreu Custódio
Membro da Banca



Prof. Msc. Sérgio Adriano Gomes
Membro da Banca

Brasília, DF, 15 / 06 / 2016

RESUMO

Introdução: O presente estudo traz uma das preocupações mais existentes nas aulas de Educação Física, o temido bullying, o vilão de muitas vítimas que se sentem reprimidas por agressores, os famosos valentões, o estudo se refere aos jogos cooperativos, e a sua relevância contra a violência escolar. **Objetivo:** Demonstrar de que modo os jogos cooperativos podem contribuir para a diminuição do bullying nas aulas de educação física e conseqüentemente no ambiente escolar.

Material e Métodos: O presente estudo foi uma revisão de literatura onde se teve a busca de artigos acerca dos jogos cooperativos, bullying nas aulas de Educação Física, jogos cooperativos contra o bullying. **Revisão da Literatura:** Neste estudo abordamos a importância de diminuir a violência nas aulas de Educação Física, visando demonstrar que os jogos cooperativos tendem a reduzir as agressões com formas de, abordagens, aulas diferenciadas. Os estudantes devem compreender que todas as pessoas a sua volta também têm seus valores e sua moral.

Considerações Finais: Ao concluir esse estudo, teve-se a convicção de que os jogos cooperativos podem contribuir para a diminuição do bullying nas aulas de Educação Física. Como citado no trabalho os jogos cooperativos têm como objetivo a inclusão dos alunos, assim trazendo tarefas que seus agressores com os agredidos poderão realizar juntos. Tendo em vista também que muitas escolas não têm esse controle, para essa redução, os olhares teriam que estar voltados desde os primeiros anos de escola, assim já moldando esses alunos para o futuro não serem agressores.

Palavras-chave: Jogos cooperativos. Escola. Bullying. Educação Física.

ABSTRACT

Introduction: This study provides one of the existing concerns in physical education classes, the feared bullying, the villain of many victims who feel repressed by aggressors, the famous bullies, the study refers to cooperative games, and their relevance against violence school. Objective: Demonstrate how the cooperative games can contribute to reducing bullying in physical education classes and therefore in the school environment. Material and Methods: This study was literature review where we had to search for articles about cooperative games, bullying in physical education classes, cooperative games against bullying. Literature Review: In this study we address the importance of reducing violence in physical education classes, seeking to demonstrate that cooperative games tend to reduce aggression with forms, approaches, differentiated classes. Students should understand that all the people around him also have their values and morals. Conclusions: In concluding this study, there was the belief that cooperative games can contribute to reducing bullying in physical education classes. As quoted, the work cooperative games are aimed at the inclusion of students, thus bringing tasks that heir aggressors with the abused ones can accomplish together. Considering also that many schools do not have that control, for this reduction, the eyes have to be focused from the first years of school, so already shaping these students for, in the future, they do not become abusers.

Keywords: Cooperative games. School. Bullying. Physical Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 MATERIAIS E MÉTODOS.....	9
3 REVISÃO DA LITERATURA.....	10
3.1 O que é Bullying.....	10
3.2 O Bullying nas aulas de Educação Física.....	13
3.3 Jogos cooperativos e a diminuição do bullying na escola.....	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	19
ANEXO1	22
ANEXO2	23
ANEXO3	24
ANEXO4	25
ANEXO5	26

1 INTRODUÇÃO

A educação como fenômeno macro, inseparável e articulado à cultura, deve projetar suas ações educacionais atreladas ao contexto social e desta forma relacioná-las ao cotidiano dos estudantes. Nesta perspectiva, as possibilidades de expressão, movimentação, percepção e imaginação vêm propiciar a liberdade e o respeito à diversidade. Neste cenário, a Educação Física desponta como instrumento viabilizador desta concepção (JUNIOR, 2009).

Mas nossa realidade não vibra de acordo com a teoria, o estudo Aguiar (2005) mostra como nosso país, principalmente nas redes públicas, está despreparado para atender diversos problemas educacionais. No caso de alunos com deficiência física, tanto da parte de profissionais desqualificados, quanto da própria instituição de ensino sem estrutura alguma para acolher esses alunos, observa-se que aspectos devem ser melhorados, um aspecto importante é a violência nas escolas.

Para Fante (2005), a exclusão pelos seus próprios colegas de convívio e a manifestação da violência em várias intensidades, pode causar confusão entre eles. Este fenômeno facilita a divisão da turma, conflitos, exclusão de alunos, podendo assim resultar uma turma onde não há disciplina e pode até gerar muita violência entre as crianças, como é o caso do Bullying.

Almeida (2003) mostra a importância dos jogos cooperativos nas aulas de educação física e como eles podem ajudar no combate à violência nas escolas. Os jogos cooperativos visam educar pela e para paz, assim havendo integração entre alunos, afastando os preconceitos e acabando com o sistema de exclusão escolar. No entanto, há ainda a necessidade de se mudar muita coisa em nosso sistema de ensino.

A palavra “jogo” provém de um termo do latim “*jocus*” que significa gracejo, brincadeira, divertimento. O jogo é uma atividade física e intelectual que integra um sistema de regras. Os jogos podem ser utilizados para fins educacionais, para transmitir o sentido de respeito às regras e a competição ou a cooperação. Os jogos de rua como, bolinha de gude, pique-esconde, pique-pega e bete são atividades estimulantes e lúdicas, mas podem ter efeitos negativos gerando violência, depressão, medo, riscos para a saúde, entre outros. Em determinados casos,

variações de turmas e antipatias podem tornar o jogo em disputas violentas (CORREIA, 2004).

O jogo competitivo é um facilitador para a ocorrência desses comportamentos, onde são formados times e vão competir para ganhar. Assim, poderá haver um componente de rivalidade como o time oposto, que abrem portas para a violência. Já o jogo cooperativo tem o objetivo de promover a interação de todos os participantes, um precisa do outro para alcançar o objetivo do jogo, assim, pode-se dizer que o cooperar de forma lúdica contribui para minimizar todo e qualquer tipo de rejeição, preconceito, inimizade ou manifestações de violência. O mais importante para o jogo cooperativo é o aluno saber respeitar os limites físicos e mentais do próximo (SCHWARTZ et al., 2002).

Nascimento et al. (2010), abordam em uma pesquisa a intervenção dos psicólogos escolares em atuação com jogos cooperativos para inclusão de crianças da segunda série (atual terceiro ano) em uma Escola Municipal de São Paulo. Os autores afirmam que o jogo cooperativo tem como síntese abolitiva de exclusão, despertando nas crianças o respeito, a aceitação de diversidades e desenvolvimento da autoestima.

Deste modo, o presente estudo teve como objetivo demonstrar de que modo os jogos cooperativos podem contribuir para a diminuição do bullying nas aulas de educação física e conseqüentemente no ambiente escolar.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo foi uma revisão de literatura, onde se buscou artigos no Google Acadêmico. As palavras-chave utilizadas para essa busca foram: jogos cooperativos nas aulas de educação física; a importância dos jogos cooperativos contra o bullying; o bullying nas aulas de educação física.

As publicações que fizeram parte da pesquisa foram desenvolvidas entre os anos de 1996 a 2010. Notou-se a carência de artigos que tratam do Bullying na língua portuguesa.

Foram revisados mais de vinte estudos para aperfeiçoar o trabalho, foram encontrados muitos artigos de revisão. Os artigos foram parafraseados um por um, assim somando o que havia de mais importante para a revisão.

Leitura exploratória esta é uma leitura do material bibliográfico que tem por objetivo verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa. A leitura exploratória pode ser comparada à expedição de reconhecimento que fazem os exploradores de uma região desconhecida. É feita mediante o exame da folha de rosto, dos índices da bibliografia e das notas de rodapé. Também faz parte deste tipo de leitura o estudo da introdução, do prefácio (quando houver), das conclusões e mesmo das orelhas dos livros.

Leitura analítica é feita com base nos textos selecionados, embora possa ocorrer a necessidade de adição de novos textos e a supressão de outros tantos, a postura do pesquisador, nesta fase, deverá ser a de analisá-los como se fossem definitivos. A finalidade da leitura analítica é a de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa.

Leitura interpretativa esta constitui a última etapa do processo de leitura das fontes bibliográficas. Naturalmente, é a mais complexa, já que tem por objetivo relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe uma solução. Na leitura interpretativa, procura-se conferir significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica. Enquanto nesta última, por mais bem elaborada que seja, o pesquisador fixa-se nos dados, na leitura interpretativa, vai além deles, mediante sua ligação com outros conhecimentos já obtidos.

3 REVISÃO DA LITERATURA

3.1 O QUE É BULLYING

Nas distintas épocas da humanidade, a violência pôde ser caracterizada como um problema crônico e recorrente. Ao se eleger um assunto que ocupe, atualmente, um lugar especial nas conversas cotidianas, poder-se-ia apontar, sem medo de errar, a agressão e a violência humana. Estas, sem dúvida, são os assuntos mais veiculados em manchetes de jornais e revistas, em programas de televisão e de rádios, em filmes e em livros de sucesso (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2000).

Bullying é, portanto, o fenômeno pelo qual uma criança ou um adolescente é exposto às outras, a um conjunto de atos agressivos diretos ou indiretos, que ocorrem sem motivos aparentes, mas de forma intencional e recorrente. As agressões são sempre praticadas por um ou mais integrantes. Essa interação grupal é caracterizada por desequilíbrio de poder e ausência de reciprocidade; nela, a vítima possui pouco ou quase nenhum recurso para evitar e/ou defender-se da agressão (ALMEIDA et al., 2007).

Existem dois tipos de ações de bullying, segundo Lopes Neto e Saavedra (2003, p. 18) “as ações diretas são divididas em física e verbal, sendo que as físicas são bater, chutar, morder, furtar, esconder, entre outras, já as verbais são, preconceito, apelidos, insultos, denegrir a imagem do agredido”. As ações indiretas (ou emocionais): relacionam-se com a disseminação de histórias desagradáveis, indecentes ou pressões sobre outros, para que a pessoa seja discriminada e excluída de seu grupo social. Esses dois tipos de ações estão diretamente relacionados ao conceito de agressão por isso, entende-se que as principais definições sobre bullying têm suas bases teóricas na questão da agressão e da violência.

O bullying pode ser conduzido por um indivíduo o provocador ou agressor – ou por um grupo, e o alvo do bullying é um indivíduo – a vítima – ou um grupo, podendo ser pressionado a fazer algo ou alguma coisa que seja fora de sua conduta. O bullying pode ser também caracterizado como indireto como se a vítima fosse obrigada a praticar o mesmo bullying contra outra pessoa para não receber agressões físicas, verbais entre outras (MELLOR et al., 1993).

Bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas (de maneira insistente e perturbadora) que ocorrem sem motivação ou podendo ser por desafeto ou por estímulos de terceiros envolvidos, sendo adotadas por um ou mais estudantes contra outro (s), dentro de uma relação desigual de poder. Este fenômeno se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003; FANTE, 2005).

Os alunos e as alunas que não sofrem nem praticam bullying, mas convivem em um ambiente onde isso ocorre, são as testemunhas, representadas pela maioria

dos estudantes. Estes convivem com a violência e se calam em razão do temor de se tornarem as “próximas vítimas”. O medo, a dúvida sobre como agir e a falta de iniciativa da escola são fatores que acabam promovendo um clima de silêncio e de omissão nas testemunhas, o rendimento escolar destes alunos poderá decrescer, uma vez que passam a considerar a escola como um espaço inseguro (NETO et al., 2005).

Apesar de não sofrerem as agressões, diretamente, muitos alunos podem se sentir incomodados com o que veem e inseguros sobre o que fazer. Alguns reagem negativamente diante da violação de seu direito a aprender em um ambiente seguro, solidário e sem temores. Tudo isso pode influenciar negativamente sua capacidade de progredir acadêmica e socialmente (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

Admite-se que os alunos que praticam o bullying têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e violentos, por exemplo, que se envolvem em brigas frequentes e lesões relacionadas a estas, porte de armas e etc. esses podem vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes e/ou criminosas (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

Em relação aos mesmos, os provocadores têm dificuldade em fazer amigos e têm poucos, de acordo com Boulton (1999). No que diz respeito à escola, os agressores sentem-se infelizes nela, envolvem-se mais em comportamentos de risco para a saúde, tais como fumar, beber álcool em excesso, usar drogas e assim eles se encorajam com seus estimulantes para agressões mais cruéis, brincadeiras mais pesadas, até chegar mesmo ao ponto de buscar medidas mais severas como meio jurídico e policial.

Para Berger et al. (1994), os que são os provocadores tendem a pertencer a famílias que são caracterizadas como tendo pouco carinho ou afeto, assim tendo essa ausência fraterna, buscam por meios errados chamar atenção, buscando serem vistos, terem voz para se expressar. Muitas vezes os alunos agressores veem em casa os pais se agredindo e pensam que isso é normal, assim transferindo isso para sala de aula. Muitos alunos quando são colhidas suas oitivas, há relatos de agressão e desrespeito em âmbito familiar. Portanto, são pessoas com problemas em partilhar os seus sentimentos e normalmente classificam-se como sentindo que

existe uma maior distância emocional entre os membros da família (DEHAAN, 1997).

O bullying é assunto importante para o campo da Educação e da Educação Física. Malta et al. (2014) referem-se a uma interferência negativa no ambiente escolar capaz de causar o mau rendimento escolar, a insegurança, a evasão escolar, a depressão e outros distúrbios psicológicos em suas vítimas. Maldonado e Williams (2005) ressalta que o ato de violência acontece por ações e/ou por omissões e que podem cessar, impedir, deter ou retardar o desenvolvimento pleno dos seres humanos. Gonçalves et al. (2005) afirmam que os professores devem aproveitar os momentos de conflitos que aparecem na escola para exercerem a sua tarefa de educar para a cidadania.

3.2 O BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Na área da Educação Física, não há indícios da existência de programas educacionais brasileiros voltados para a identificação, prevenção e controle do bullying em ambiente escolar. Conseqüentemente, a literatura científica nacional ainda é escassa. O professor de educação física deverá iniciar estratégias para prevenção deste problema desde a educação infantil, uma vez que a literatura mostra que quanto mais rápidas as intervenções, mais fáceis de prevenir o bullying entre outras violências (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

Os alunos e as alunas que sofrem bullying nas aulas de Educação Física, normalmente, não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos. São, geralmente, pouco sociáveis, inseguros e têm problemas para se adequarem aos grupos de alunos. Apresentam aspectos físicos diferenciados dos padrões corporais impostos pela sociedade e têm pouco rendimento nos esportes e nas práticas corporais devido à coordenação motora pouco desenvolvida (FANTE, 2006).

Isto acontece não somente pelo fato de existirem diferenças em cada gênero, diferenças estas que já foram relacionadas em diversos estudos que lidam com o tema, mas principalmente pela diferença observada entre ambos na prática do bullying. O que nos chamou a atenção foi a maneira como cada indivíduo (menino e menina) reage diante do “outro”, do diferente. Quando se fala nesta reação diante do

diferente não se afirmar especificamente das diferenças de gênero, mas sim de todas as diferenças passíveis de preconceito. As relações de gênero serão aqui utilizadas somente para explicar o comportamento diferenciado de meninos e meninas no momento de encararem estas diferenças, sejam elas quais forem (gênero, raça, etnia, estética e etc.), principalmente comportamentos que levem a algum tipo de violência que possa ser caracterizada como bullying.

Um entendimento dos gêneros como opostos não é exclusividade do mundo adulto. Após examinar construções de gênero em falas e em jogos de crianças em escolas primárias inglesas, Francis (1998) afirma que as próprias crianças construíam os gêneros como opostos, a fim de reforçar seu senso de identidade feminina ou masculina. Entretanto, essas culturas não eram congeladas, e as fronteiras dessa divisão eram frequentemente ultrapassadas ou recusadas. Similarmente, Thorne (1993) relata ocasiões em que o senso de gênero como fronteira se dissolvia, e meninos e meninas interagiam descontraidamente.

Como alerta Kunz (1993), em estudo sobre a construção histórico-cultural dos estereótipos sexuais, no contexto escolar, a educação física constitui o campo onde, por excelência, acentuam-se, de forma hierarquizada, as diferenças entre homens e mulheres.

Também louro (1999), lembra que, se em alguns componentes curriculares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita por meio de discursos implícitos, nas aulas de educação física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente. Ainda que várias escolas e professores/as venham trabalhando em regime de coeducação, a educação física parece ser a área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações.

Já para Gonçalves (2003) numa sociedade que se pretende globalizada e que, dentro desta ótica mobiliza em si uma busca pela homogeneização, ser diferente pode ser considerado uma afronta. Se entendermos que a Educação Física é um espaço no qual as pessoas tocam nos corpos uns dos outros (algumas brincadeiras, por exemplo, exigem que se deem as mãos, que um empurre ou puxe o outro etc.), que auxilia na formação da autoimagem positiva e na imagem do outro,

entenderemos quão importante é sua participação na criação (ou destruição) do preconceito étnico-racial. Os PCNs levantam, inclusive, esta possibilidade (BRASIL, 1998).

É necessário considerar outros modos de comunicação, como a linguagem do corpo e a linguagem das artes em geral, permitindo transversalizar, em particular, com Educação Física e Arte. A música, a dança, as artes, vinculadas aos diferentes grupos étnicos e a composições regionais típicas, são manifestações culturais que a criança e o adolescente poderão conhecer e vivenciar. Dar valor à troca de informações a respeito das diferentes culturas, favorecendo o enriquecimento recíproco, mas no qual as partes envolvidas mantêm a identidade, é um outro objetivo do professor (PINTO, 1999).

Estas dificuldades de se conviver com o coletivo não passam despercebidos nas escolas, e quando o bullying acontece fica ainda mais evidente a diferença existente na forma como meninos e meninas constroem suas relações sociais com os outros colegas. Eles mesmos compreendem que têm papéis sociais distintos, principalmente em se tratando do gênero, sobretudo durante as brincadeiras em grupos, quando deixam aflorar as representações dos componentes significativos que expressam masculinidade e feminilidade (RIBEIRO, 2006).

Vivendo em sociedade, os seres humanos devem respeitar-se, uns aos outros, ou seja, todos possuem direitos, mas o direito de um cidadão não pode ultrapassar o direito de outro. Dallari (1998) afirma que, os direitos humanos no Brasil passaram a ser discutidos a partir da década de 1970, apesar dos desaparecimentos, das torturas e dos governos militares ainda imperarem. Hoje, para ele, vive-se em uma encruzilhada, ou escolhemos o humanismo, ou o materialismo.

De forma que esse controle do bullying estando com o professor, acredita-se que o jogo cooperativo tem um papel fundamental para o controle do bullying. Esses jogos são lúdicos e um precisa do outro para jogar, então isso cria um ambiente positivo e vai inibindo o agressor, fazendo assim aulas mais tranquilas sem violência e sem tanta rivalidade.

3.3 JOGOS COOPERATIVOS E A DIMINUIÇÃO DO BULLYING NA ESCOLA

Correia (1996) relata os conhecimentos e os caminhos dos professores de Educação Física para a inclusão dos alunos a partir dos jogos cooperativos. O autor realizou uma pesquisa com alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental. O principal objetivo foi vivenciar em que aspecto o conteúdo jogo tem colaborado a inclusão dos alunos e como a educação física pode contribuir para a inclusão. O autor traz de forma clara, a necessidade das escolas modificarem seus métodos pedagógicos objetivando incluir todos os alunos, independentemente do talento, habilidades, raça, cor, fisiologia, importando apenas que as escolas assumam o objetivo de satisfazer as necessidades dos alunos.

Os estudos de Basei (2008) têm uma diretriz que implica a Educação Física como disciplina de suma importância no ensino infantil. Desde os primeiros anos de vida, já trabalhando com uma concepção didático-metodológica implicada no desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e motor busca-se desenvolver seu olhar crítico para as relações sociais da sociedade onde está inserida, e compreender seu mundo vivido, de fato tendo papel fundamental na educação infantil. Dessa forma, proporciona uma vasta experiência através de situações nas quais elas possam criar, inventar, descobrir movimentos novos, reelaborar conceitos e ideias sobre o movimento e suas ações utilizando a linguagem corporal.

Segundo Correia (2004), os jogos cooperativos têm como objetivo desmistificar o paradigma que a competição que é dominante na Educação Física escolar, e vêm como uma proposta de demonstrar e comprovar que o jogo cooperativo é o mais adequado para neutralizar a competição em âmbito escolar. Brotto (2002) também deixa sua mensagem positiva com vista que fazer jogos cooperativos uma pedagogia para o esporte e para a vida, então se conclui que os jogos cooperativos têm que ensinar a dividir, o respeito, o passar a vez, o limite do outro tendo uma margem mais importante do que só o competir.

Luba et al. (2002), realizaram um estudo que promoveu uma reflexão sobre o papel das atividades lúdicas cooperativas no processo de aprimoramento do relacionamento interpessoal no contexto escolar. O estudo foi realizado por meio de atividades entre os alunos, de caráter cooperativo, para um grupo de alunos

regularmente matriculados na quinta série (atual Sexto Ano) do ensino fundamental em Rio Claro em São Paulo. Assim deu-se procedimento com um questionário tanto para os professores quanto para os alunos, com perguntas abertas e fechadas, para saber a visão dos alunos ao participarem destas atividades lúdicas com jogos cooperativos dentro do contexto escolar. Logo, o artigo deixa sua sugestão de implantar em todas as escolas o método de jogos cooperativos, já que uma vez perde a essência da competição, ressaltando que o lúdico é o brincar e aprender somado com o cooperativo em quesito de dividir deixar de lado o pré-conceito forma uma arma fortíssima para o crescimento do aluno e sua socialização.

Correia (2004), demonstra e comprova que o jogo cooperativo é o mais adequado para neutralizar a competição em escolares, já que sabemos e o competir não é saudável, sua visão demonstra os valores que o jogo cooperativo pode proporcionar, como inclusão, deixando as diferenças de lado.

Já foi visto anteriormente que os Jogos Cooperativos têm como características principais a participação de todos, a não exclusão por falta de habilidade, a mistura de grupos e a diversão. Nesse tipo de jogo, o resultado não é a principal preocupação, mas sim a diversão o prazer em jogar, a união do grupo que não se preocupa com o fracasso ou o sucesso, com o vencer ou perder (BROTTO, 1995).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esse estudo, entende-se que o bullying é um problema que está em todo o lugar não só na escola, isso pode até abrir estudos em outras áreas para combater esse tipo de problema. Com a ocorrência do bullying hoje, vê-se a importância das escolas terem o controle diariamente, tendo não só nas aulas de Educação Física, mas em todas as disciplinas que incluam toda a turma sem desfavorecer ninguém.

Acredita-se na renovação metodológica no âmbito escolar, tendo a mudança em respectivos problemas nas salas de aulas como, exclusão, preconceitos, agressividade, diferenças raciais, materiais, etnia, religiosa, como a implantação dos jogos cooperativos, tem-se a visão de que o jogo competitivo traz consigo muita rivalidade abrindo portas para intrigas, brigas e diversos problemas socioeducativos.

O jogo cooperativo colabora, abre portas para inclusão, pois no jogo um estudante vai depender do outro, um vai ter que ajudar o outro de forma que haja interação entre todos assim objetivando o jogo como completo, tenho essa ideia como o alvo primordial para inclusão escolar.

Portanto, tem-se a convicção de que os jogos cooperativos são um forte aliado para a diminuição do bullying nas aulas de Educação Física, pois como relatado, as aulas se tornam inclusivas, de forma que os colegas tenham mais contato direto com os outros, assim os conhecendo-os melhor e respeitando as diferenças.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J, S; DUARTE, E. Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.11, n. 2, p. 223-240, Mai./Ago., 2005.
- ALMEIDA, at. Al. Porqué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. **Revista Interamericana de Psicología**, São Paulo, v. 41, p.107-118, 2007.
- ALMEIDA, M, T, P. **Jogos cooperativos na educação física: uma proposta lúdica para a paz**. Editora Tropical, Petrópolis-RJ, 2003.
- BALIULEVICIUS, N, L, P; MACARIO, N. M. Jogos cooperativos e valores humanos: **perspectiva de transformação pelo lúdico, Fitness e Performace**, v. 5,nº1, p.50-56, Ago/Set 2006.
- BASEI, A, P. **A educação física na Educação Infantil: A importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança**. Revista Iberoamericana de Educación. EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI). n 47/3, Out/Nov., 2008.
- BERGER, K, S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo. v. 16, n.1, p 90-126 Jan/Jun., 2012.
- BORGES, E, C. TEORIA E PRÁTICA: **a sistematização do basquetebol no ensino aprendizagem**. Barra do Garças-MT, Panorâmica ICLMA/UFMT., v.1, n.5, p.125-145, Jan/Jun., 2002.
- BOULTON, M, J, & Underwood, K. Bully/victim problems among middle school children. British Journal Educational Psychology, **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v.16, n. 1, p.73-87, Jan/Jun., 2012.
- BROTTO, F, O. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como exercício de convivência**. Campinas-SP, Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- CANDREVA, T., et al. **A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção.**, v. 12, n. 1., Mar/Abr., 2009.

CORREIA, E, S. Educação física escolar: **Revista O jogo no processo de inclusão.**, v. 6, n. 10, p. 107-114, 1996.

CORREIA, M, M. Jogos cooperativos perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências e Esporte.** Campinas-SP, v. 27, n. 2, p. 149-164, Jan/fev., 2004.

CORTEZ, A, M, C. **Brinquedo: Uma contribuição no desenvolvimento da criança.** , Rio Claro-sp Faculdade de Educação Física, UNICAMP, MOTRIZ., v. 2, n. 1, Jun/Jul. 1996.

DALLARI, D, A. A globalização e seus efeitos excludentes: serão respeitados os direitos humanos nos próximos 50 anos? **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.**, p. 135-146, v.5, n. 1, Mai/Abr., 2006.

FANTE, C. Fenômeno bullying: **Revista como prevenir a violência nas escolas e educar para paz.** Editora Verus, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, Mai/Ago. 2006.

FRANCIS, B. “Oppositional positions: **Children’s construction of gender in talk and role plays based on adult occupation**”. Educational Research, v. 40, n. 1, p. 31-43, Abr/Mai., 1998.

GONÇALVES et al. **Violência na escola praticas educativas e formação do professor.** Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 126, p. 635-658, Set/Dez. 2005.

GONÇALVES, L, A, O; GONÇALVES E SILVA, P, B. O jogo das diferenças. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.** Editora Autêntica. Belo Horizonte-BH, v. 5, n. 1, Jun/Jul., 2006.

JUNIOR, J, C. **Jogos cooperativos-uma proposta de inclusão nas aulas de educação física.** Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação Diretoria de Políticas e Programas Educacionais Programa de Desenvolvimento Educacional Universidade Estadual de Londrina, 2009.

KORSAKAS, P; JUNIOR, D, R. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: **Revista uma discussão filosófico-pedagógica.**, v.1, n. 1, p. 83-93, Set/Out., 2002.

KUNZ, M, C, S. “Quando a diferença é mito: Uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da educação física”. Dissertação de

mestrado em educação, Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Ago/99. Florianópolis: UFSC, p.167, 1993.

LOPES NETO AA, SAAVEDRA LH. **Diga não para o bullying**: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro-RJ 2009.

ABRAPIA, **Revista de Educação Física**, n.139, p. 58-70,Mar/Abr., 2003.

MELLOR, A. *Bullying in Scottish secondary schools*. **Revista Bullying secundário na Escócia** Retirado em 1 de Setembro de 1999 da World Wide., v. 20, n. 4, p. 571-583, 2002.

MENDES, L, C et al. Jogos cooperativos: eu aprendo tu aprender e nós, **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** –v.8, n.2, p. 133-154 Mar/Mai., 2009.

NASCIMENTO, G, S, et al. Inclusão escolar e jogos cooperativos: uma possibilidade do psicólogo escolar no processo de socialização e integração. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**. v. 11, n, 2, p. 51-63, Jul/Dez. 2010.

NETO, I, B. Jogos cooperativos numa 5º série do ensino fundamental. **Revista Caderno de Educação Física**, v.9, n. 16,p. 22-51, Nov/Dez., 2010.

OLWEUS, D. **Annotation: bullying at school:basic facts and effects of a school based intervention program**. **Journal of Psychology and Psychiatry**, 43 (7), 1171, p.1190, 1994.

PEDROSO, A, R. Jogos cooperativos na escola: **possibilidades de inclusão nos currículos da educação física**, **Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - Nº 127 - Diciembre de 2008**.

PINTO, R, P. A Escola e a questão da pluralidade étnica. **Cadernos de Pesquisa, Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas São Paulo**, n.55, p.3-17, Nov/Dez., 1985.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E, M, L.; JABLONSKI, B. **A PSICOLOGIA SOCIAL, COMUNITÁRIA E SOCIAL COMUNITÁRIA: DEFINIÇÕES DOS OBJETOS DE ESTUDO**, v.3, n.18,p. 65-72, 1999.

SCHWARTZ, G, M., et al. **Jogo cooperativo no processo de interação social**: a visão dos professores. p. 253-262, 2002.

TEXEIRA, J, S, F., et al. **Proposta de repositório inteligente para jogos cooperativos educacionais**. São José dos Campos-SP.,p.22-28., 2005.

ANEXO 01



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

CARTA DE DECLARAÇÃO DE AUTORIA

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO - TCC**

Declaração de Autoria

Eu, Paulo Roberto de Deus Junior, declaro ser o (a) autor(a) de todo o conteúdo apresentado no trabalho de conclusão do curso de Educação Física do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB. Declaro, ainda, não ter plagiado a idéia e/ou os escritos de outro(s) autor(s) sob a pena de ser desligado(a) desta disciplina uma vez que plágio configura-se atitude ilegal na realização deste trabalho.

Brasília, 15 de junho de 2016.

Orientando

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF – Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br – ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

ANEXO2



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE TCC

Eu, Paulo Roberto de Deus Junior, venho por meio desta, como orientador do trabalho : Arthur Almeida
Autorizar sua apresentação no dia 15 /06/ 2016 do presente ano.

Sem mais a acrescentar,

Orientador

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF - Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br - ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

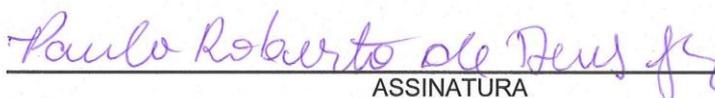
ANEXO3



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

**FICHA DE RESPONSABILIDADE DE
APRESENTAÇÃO DE TCC**

Eu, Paulo Roberto de Deus Junior RA: 20816530 me responsabilizo pela apresentação do TCC, intitulado, A importância dos jogos cooperativos para a diminuição da prática do bullying nas aulas de educação física, no dia 15 / 06 do presente ano, eximindo qualquer responsabilidade por parte do orientador.



ASSINATURA

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF -- Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br - ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

ANEXO4



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

FICHA DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREGA DA VERSÃO FINAL DE TCC

Venho por meio desta, como orientador do trabalho, A importância dos jogos cooperativos para a diminuição da pratica do bullying nas escolas, do aluno Paulo Roberto de Deus Junior, autorizar sua apresentação no dia 15/06/2016 do presente ano.

Sem mais a acrescentar,

Orientador

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF – Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br – ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.

ANEXO5



Faculdade de Ciências da Educação e Saúde | FACES
Curso de Educação Física

AUTORIZAÇÃO

Eu, Paulo Roberto de Deus Junior Ra: 20816530 aluno do Curso de Educação Física, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, autor(a) do artigo do trabalho de conclusão de curso intitulado, A importância dos jogos cooperativos para a diminuição da prática do bullying nas aulas de educação física, autorizo expressamente a Biblioteca Reitor João Herculino utilizar sem fins lucrativos e autorizo o professor orientador a publicar e designar o autor principal e os colaboradores em revistas científicas classificadas no Qualis Periódicos – CNPQ.

Brasília, 15 de junho de 2016.

Assinatura do Aluno

SEPN 707/907 - Campus do UniCEUB, Bloco 9 - 70790-075 - Brasília-DF – Fone: (61) 3966-1469

www.uniceub.br – ed.fisica@uniceub.br



Na fabricação de papel reciclado, a quantidade de água equivale apenas a 2% da utilizada para a produção de papel alvejado.